

Entrevista

Jovens avaliadores, aprendam com os mais velhos, ou seja, os menos jovens, como devem fazer e como não devem fazer! E assim, ao imitarem, critiquem, refaçam e criem ininterruptamente. Entrevista com Thereza Penna Firme

Young evaluators, learn from the elders, or the not-so-young, about what you should and should not do! And while imitating them, also critique, do-over, and create endlessly. An Interview with the Thereza Penna Firme

Ana Maria Carneiro^{1*}  (branca), Roberta Helena Moreira dos Santos²  (branca)

¹Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, Campinas, SP, Brasil

²EvalYouth Brasil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

COMO CITAR: Carneiro, Ana Maria, & Santos, Roberta Helena Moreira dos (2022). Jovens avaliadores, aprendam com os mais velhos, ou seja, os menos jovens, como devem fazer e como não devem fazer! E assim, ao imitarem, critiquem, refaçam e criem ininterruptamente. Entrevista com Thereza Penna Firme. *Revista Brasileira de Avaliação*, 11(1), e110522. <https://doi.org/10.4322/rbaval202211005>

Resumo

Com graduação em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1962), mestrado em Psicologia Educacional pela University of Wisconsin (1965), mestrado em Educação pela Stanford University (1966) e doutorado em Educação e Psicologia da Criança e do Adolescente (1969) pela mesma instituição, Thereza Penna Firme é Coordenadora do Centro de Avaliação da Fundação Cesgranrio e professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e também Consultora Nacional e Internacional em Avaliação, especialmente no tema do desenvolvimento humano de crianças e adolescentes. Nesta entrevista, Thereza apresenta sua visão sobre a avaliação, os principais desafios no Brasil e sua trajetória mesclando a vida pessoal e profissional.

Palavras-chave: Campo da Avaliação. Brasil. Psicologia.

Abstract

Thereza Penna Firme has a BSc. in Clinical Psychology (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1962), a master's degree in Educational Psychology (University of Wisconsin, 1965), a master's degree in Education (Stanford University, 1966), and a Ph.D. in Education and Children and Adolescence Psychology. Currently, she is the Coordinator of the Evaluation Center at Fundação Cesgranrio. She is a retired professor from the Universidade Federal do Rio de Janeiro, and also a national and international consultant in evaluation, mainly in the theme of human development of children and adolescents. In this interview, Thereza presents her vision about evaluation, the main challenges in Brazil, and her history, blending professional and personal lives.

Keywords: Evaluation field. Brazil. Psychology.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Fevereiro 21, 2022

Aceito: Fevereiro 21, 2022

***Autor correspondente:**

Ana Maria Carneiro

E-mail: anamacs@unicamp.br



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



1 – Na sua perspectiva o que é avaliação?

A definição de avaliação emerge naturalmente de nossa experiência de vida, sempre que fazemos a apreciação de fatos, objetos, situações ou comportamentos. Nesse sentido, trazendo aqui a definição do dicionário dizemos que avaliar é “determinar a valia ou o valor de”. Sem nos afastarmos, porém, do essencial dessa definição, buscamos a palavra dos profissionais estudiosos de avaliação, entendendo que, entre esses avaliadores, existe uma variação dessa definição, a qual depende do fenômeno a que ela se refere. Tais definições, contudo, não distorcem o significado maior da avaliação. Dentre essas definições, destacamos a concepção de Scriven (1991) e do The Joint Committee on Standards for Educational Evaluation (1994) nas quais existe uma predominante concordância que se expressa como “ julgar o mérito, a relevância e a importância de um determinado objeto”. Dizendo mais especificamente (Worthen et al., 2004), avaliação é o processo pelo qual se identificam e se aplicam critérios dispensáveis para determinar o mérito, a relevância e a importância de um objeto.

Mérito é a qualidade do objeto sendo avaliado como valor interno, intrínseco e independente de quaisquer aplicações; é o que representa as condições para se alcançar um determinado propósito inerente ao objeto. Assim, quando se diz que um programa, projeto ou curso tem mérito, isso significa que ele está equipado para cumprir o seu papel e sua finalidade. Relevância, por sua vez, significa sua capacidade para realizar mudanças, resultados, efeitos, alcance dos propósitos do objeto sendo avaliado, bem como, o impacto no contexto onde o objeto se insere. Um projeto, programa, curso ou sistema é relevante ou tem impacto quando evidencia resultados e repercussões, ou seja, quando traz mudanças e transformações. Importância é o significado para o contexto pertinente do objeto, foco da avaliação e de seus efeitos. Em minha experiência educacional, em parceria com meus colegas avaliadores, entendemos que a avaliação é um desafio na direção do mérito e da relevância ou impacto e, para alcançá-los, a criatividade, a sensibilidade, a objetividade e a subjetividade estão presentes e atuantes sempre que necessário, para responder com propriedade às indagações e facilitar a ação de aperfeiçoamento (Penna Firme et al., 2021).

2 – Há um campo avaliativo no Brasil? No que ele consiste? Quem o habita?

Embora a avaliação como processo seja secular no Brasil, como em muitas outras realidades no âmbito internacional, só recentemente ela poderia ser considerada como um campo ou área de estudo, ainda que iniciante, no cenário brasileiro, bem como em muitos outros países. Eu me refiro ao estudo da avaliação nos seus aspectos teóricos, em termos de princípios, padrões de qualidade, dimensões, abordagens, modelos, sistemas e metodologias, entre outros componentes, bem como uma prática coerente com essa fundamentação. É também incipiente a formação de profissionais em avaliação. Em decorrência desse descompasso, a avaliação perde a sua capacidade de servir a seus propósitos mais substanciais, entre os quais o julgamento correto, as decisões acertadas, a transformação necessária e o aperfeiçoamento humano e social. E isto porque sua prática é necessária e compulsória, mas, lamentavelmente, nem sempre coerente com seus princípios, sua ética, sua confiabilidade e sua responsabilidade.

Contudo, há esforços no Brasil nesse campo dignos de atenção, como a realização de avaliações em âmbito nacional de exames e provas para seleção de candidatos a estudo superiores, a campos de trabalho ou áreas profissionais. São também conduzidas análises de instâncias educacionais como ensino fundamental, médio e superior, entre outros estudos. Eles requerem planejamento, técnicas, cursos e estratégias para alcançarem sua finalidade. Não há dúvida de que tais esforços são um componente importante da avaliação e, para o seu exercício, se requer pessoal capacitado. Além desse aspecto, são elaboradas políticas que emergem dos organismos legisladores em âmbito local e nacional para controle de procedimentos avaliativos, o que ocorre em vários campos de estudo, trabalho, ensino e aprendizagem. Vale ainda considerar o que já se tem conquistado em termos de bibliografias de autores brasileiros e estrangeiros, especialmente norteamericanos, os quais se têm destacado como pioneiros no campo de avaliação e continuam na vanguarda.

É também notória a criação de associações voltadas para avaliação, onde profissionais da avaliação e interessados de outras áreas se congregam para intercâmbio de ideias na produção acadêmica, como a Rede Brasileira de Avaliação (RBA)¹ e a Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação (RBMA) entre outras, mesmo em processo e que eu não tenha mencionado por limitação de espaço

¹ Trata-se de uma iniciativa desenvolvida em 2003 descrita em Dannemann, Penna Firme e Letichevsky (2005). A RBMA acabou integrando esforços desenvolvidos naquele momento quando da sua criação.



e tempo. Instituições de excelência, como a Fundação Carlos Chagas em São Paulo e a Fundação Cesgranrio no Rio de Janeiro, vêm realizando substancial trabalho de pesquisa e capacitação na avaliação, o qual repercute nacional e internacionalmente, pela excelência de seus profissionais e de seus alunos. Também digno de lembrar é a excepcional expansão de palestras e jornadas a cargo de palestrantes (brasileiros na grande maioria) e em parceria com representantes de outros países com o apoio de empresas, instituições e organismos municipais, estaduais, federais e internacionais, para realização e divulgação da avaliação. Isso era feito de modo presencial, mas agora, em tempo de pandemia, foi ampliado para o modo remoto, utilizando moderna tecnologia. Por último, e não menos importante, é a criação de cursos de capacitação em avaliação que ainda são poucos, mas que já apresentam um significativo passo adiante na consolidação do campo da avaliação. A Fundação Cesgranrio, por exemplo, já vem oferecendo curso superior de tecnologia em Gestão de Avaliação e Mestrado Profissional em Avaliação, contando com professores qualificados na área, biblioteca especializada e alunos provenientes de várias áreas de conhecimento, o que tem resultado em excelentes dissertações, publicações de livros e artigos, bem como um banco eletrônico de dados sobre o estado da arte em avaliação. De um modo geral, professores brasileiros capacitados no Brasil e no exterior têm atuado, com frequência, como consultores e palestrantes em todo país, nas instituições públicas e particulares, contribuindo assim, para formação em avaliação, na teoria e na prática.

3 – O que te atraiu para este campo? Como foi sua trajetória para se tornar uma avaliadora?

De família numerosa (7 filhos, atualmente com quase uma centena de sobrinhos com quem convivo até hoje), pai e mãe profissionais no âmbito público no Rio de Janeiro, ele arquiteto que projetou muitas escolas e instituições públicas de grandes dimensões e ela devotada e competente professora primária de escolas de ensino fundamental, onde todos os seus filhos estudaram, aprendi a convivência em família e na vida social, vivenciando o amor e a Fé e desfrutando o prazer de ser criança com imensa esperança de vida (hoje tenho 93 anos de idade). Como normalista, diplomada como professora primária do Rio de Janeiro nos anos 40 e atuando nas escolas públicas de ensino fundamental desse município, exercendo, como católica, a função de ensino religioso, adquiri a paixão pelas crianças, com especial destaque pelas crianças de comunidades de baixa renda. Busquei o aprofundamento desse conhecimento graduando-me como psicóloga clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), onde também fui professora. Já nos Estados Unidos, como bolsista, mergulhei no estudo científico da criança através de um mestrado em psicologia educacional (Universidade de Wisconsin), um mestrado em educação (Universidade de Stanford, Califórnia) e doutorado, Ph.D (Universidade de Stanford) em educação, com foco na psicologia da criança e do adolescente, defendendo uma tese sobre a autoestima, aspecto de suprema importância na formação da criança. Convidada para trabalhar internacionalmente na avaliação da Reforma Educacional de El Salvador (América Central), com uma equipe da Universidade de Stanford, como consultora em avaliação, deparei-me com o gravíssimo problema da repetência e da evasão escolar.

E foi aí, analisando processos e resultados, que juntei profissionalmente a educação, a psicologia e a avaliação, ao perceber que no processo educacional, a avaliação da aprendizagem tinha papel preponderante no processo escolar, não somente como análise e interpretação de resultados de aprendizagem, mas, lamentavelmente, como causa do fracasso escolar, em termos de repetência e evasão. Entendi, pois, que a avaliação parecia estar, paradoxalmente provocando o que ela mesma analisava e condenava. Isso ocorria porque a avaliação estava agredindo a autoestima das crianças (mesmo apesar das boas intenções), ao provocar sua autodesvalorização, seu sentimento de incapacidade e, conseqüentemente, o fracasso escolar e, ainda mais, possivelmente, afetar seu desenvolvimento pessoal em todas as dimensões. Era o que a ciência e a experiência me mostravam à luz do dia. Para culminar, concentrei-me na capacitação em avaliação de professores, supervisores e gestores de todo aquele país. Como resultado, a repetência e a evasão escolares foram reduzidas consideravelmente, na medida em que professores aprenderam e pais apreciaram um novo modo de avaliar que contribuiu para fortalecer a autoestima, a aprendizagem e a felicidade das crianças.

Prossegui na avaliação de programas e projetos de avaliação e abracei o ensino e a prática de avaliação. Fui professora, diretora, coordenadora de pós-graduação e orientadora de dissertações e teses, enfatizando o tema avaliação na educação e em outras áreas de conhecimento na PUC-RIO, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Federal no Rio de Janeiro. Para seguir estudando avaliação, além de leituras e seminários, ingressei na Rede Brasileira de



Monitoramento e Avaliação (RBMA) e na American Association Evaluation (AEA, USA); conheci autores, entre os quais destaco Michael Quinn Patton, que muito me inspirou e outros de renome internacional; li publicações internacionais e passei a manter contato com colegas no campo. Hoje, na Fundação Cesgranrio, instituição de educação, avaliação e cultura, atuo como coordenadora do Centro de Avaliação. Finalmente, acho que fico por aqui. Tenho sido consultora e palestrante em avaliação em todo o país, de modo presencial, remoto e híbrido falando com professores e gestores de áreas públicas, civis, militares e religiosas. Acho que, como legado, deixo algumas publicações, especialmente artigos sobre avaliação e, recentemente, com dois colegas de profissão, brilhantes doutores em educação com grande competência em pesquisa e avaliação, Juan Antonio Tijiboy (falecido) e Vathsala Iyengar Stone, deixo uma coletânea de oito livros em formato de Cadernos sobre Teoria e Prática de avaliação que tomo a liberdade de indicar (veja nas referências bibliográficas no final). Espero que essa publicação possa contribuir para consolidar a formação de futuros avaliadores. De novo, minha preocupação maior permanece com a criança que representa as gerações do futuro e, portanto, merecedora de uma avaliação de ponta e não de pontos que resulte numa educação de excelência e na sua felicidade plena.

4 – Com quais desafios a comunidade avaliativa brasileira se relaciona hoje? Avançamos em que? Patinamos em que?

Entendo que são vários os desafios, porém ousou destacar aqui aqueles que me parecem merecer maior cuidado, tanto pela sua urgência de atenção, como pelo fato de que sua solução vai desencadear a solução de muitos outros. Nesse sentido eu diria primeiro, assegurar que a avaliação seja entendida como uma área de conhecimento ou disciplina, fundamentada em princípios e padrões de qualidade, os quais devem ser seguidos para garantir sua utilidade na tomada de decisão; o segundo desafio é desmistificar o perfil da avaliação como assustadora, ameaçadora, injusta e rígida com a incorreta justificativa de que tais atitudes significam rigor acadêmico, competência e justiça; o terceiro desafio é compensar a falta de profissionais da avaliação, abrindo espaço para a formação regular de avaliadores e a capacitação continuada, em avaliação, para professores em serviço; o quarto desafio é desenvolver junto às crianças, aos jovens e adultos o interesse, o prazer e a disponibilidade de vivenciarem um processo avaliativo humanizante, que ajuda a descobrir os aspectos positivos de cada um para elogiá-los e destacá-los e as falhas para serem corrigidas com a expectativa de que elas serão solucionadas; o quinto desafio para a comunidade avaliativa brasileira hoje é preservar sua competência em avaliação estudando, praticando e discutindo para inspirar confiança na sua atuação, ao compartilharem propostas de avaliação e a condução do processo, com análise e interpretação dos resultados; o sexto desafio, como afirmam estudiosos da avaliação, é “dizer a verdade ao poder”, mostrando sempre primeiramente o que é favorável e depois mostrando o que precisa ser corrigido e mudado; e o sétimo desafio é buscar a conexão da avaliação em toda a sua extensão com as suas consequências afetivas, sociais, morais e espirituais, para preservá-las do fracasso e conseqüentemente chegar à transformação ideal.

-Em que avançamos?

Em síntese há esforços e resultados meritorios na consolidação do campo avaliativo, mas há ainda muito a ser realizado na pesquisa de avaliação, na prática da avaliação, na capacitação de profissionais em avaliação e, sobretudo, na coerência entre teoria e prática da avaliação, em todas as áreas de conhecimento, para assegurar a qualidade de estudantes, professores, instituições, empreendimentos e da sociedade em geral, nessa nova disciplina e área de conhecimento que é avaliação.

- Em que patinamos?

Em demorar na caminhada. Em acreditar em falsas crenças sobre a avaliação.

5 – Qual o futuro da avaliação? Para onde ela está sendo levada? Há riscos e armadilhas neste movimento?

Os estudiosos da avaliação, e eu particularmente me associo ao pensamento deles, falando especialmente dos reconhecidos autores internacionais como Scriven (1991) e Patton (2013)



entre os membros de associações de envergadura, os quais incluem também autores brasileiros, ousam prever uma visão mais holística do ser humano no processo avaliativo, a ênfase no fator pessoal, a consolidação da avaliação como profissão, a utilização dos seus resultados para a tomada de decisões, o estudo e a pesquisa na área de avaliação, a preocupação e as providências necessárias em relação aos efeitos colaterais da avaliação. Para alcançar esses propósitos lutamos com dificuldades e esforços intensos. Os riscos são muitos, mas não serão maiores do que o compromisso e a esperança que queremos fortalecer, com a Fé na proteção divina e no amor maternal da Mãe de Deus, porque avaliação deve conduzir ao aperfeiçoamento humano e, conseqüentemente, ao da sociedade em geral.

6 – O que você diria aos jovens avaliadores?

Que aprendam com os mais velhos, ou seja, os menos jovens, como devem fazer e como não devem fazer! E assim, ao imitarem, critiquem, refaçam e criem ininterruptamente. A avaliação do futuro está em suas mãos e nós, os mais velhos, vamos com as nossas mãos aplaudi-los de pé!!!!

Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.

Agradecimentos

Agradecimento especial à Professora Thereza Penna Firme que abraçou essa iniciativa e nos concedeu esta entrevista.

Referências

- Dannemann, Angela Cristina, Penna Firme, Thereza, & Letichevsky, Ana Carolina. (2005). Setting up the Brazilian Evaluation Network: A challenging work with no boundaries. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 13(49), 523-533. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362005000400009>.
- Patton, Michael Q. (2013). The Future of Evaluation in Society: Top ten Trends plus One. In Stewart L. Donaldson (Org.), *The Future of Evaluation in Society: A Tribute to Michael Scriven* (pp. 45-62). Charlotte, Carolina do Norte, EUA: Informationage Publishing.
- Penna Firme, Thereza, Stone, Vathsala Iyengar, & Tijiboy, Juan Antonio. (2021). *Avaliação de Programas Socioeducacionais: Como Enfocar e Pôr em Prática*. São Paulo, SP: Fundação Itaú Para a Educação e Cultura.
- Scriven, Michael. (1991). *Avaliação: Um Guia de Conceitos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- The Joint Committee on Standards for Educational Evaluation. (1994). *The Program Evaluation Standards*. Califórnia: Sage Publication.
- Worthen, Blaine R., Sanders, James R., & Fitzpatrick, Jody L. (2004). *Avaliação de Programas: Concepções e Práticas*. São Paulo (SP): Ed. Gente.